ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL
CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA
Semeando Novos Rumos

Eixo 7

"POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL"

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

Eixo 7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

MR7.1.- Políticas de Saúde, Meio Ambiente e Educação: Desafios latino- americanos

EMENTA

A mesa apresenta as relações intrínsecas entre saúde, meio ambiente e educação, fortalecendo uma visão interdisciplinar na qual a educação, como determinante cultural da sociedade, configura-se como eixo principal nas condições ambientais e de saúde pública dos países. Em segundo lugar a mesa se propõe a analisar a importância da política publica e seus desafios, considerando a necessária transição de uma política centralista para uma descentralizada; e de uma visão setorial para uma inter ou intrassetorial. Por último a mesa se propõe a analisar criticamente os desafios socioambientais da região e as políticas públicas de educação, saúde e meio ambiente elaboradas para responder a aqueles desafios, a partir de uma visão bidimensional, marcando as diferenças entre o discurso da política pública e a ação concreta, que nos assola. Propõe ainda apresentar um caso de política pública local, nacional e regional.

Coordenador: Arlindo Philippi Junior: Universidade de São Paulo - (USP – BRASIL)
Álvaro Cardona Saldarriaga: Universidad de Antioqua - (COLÔMBIA)
Lisardo Osório Quintero: Universidad de Antioqua - (COLÔMBIA)
Ipojucan Calixto: Universidade Positivo (UP - BRASIL)
Daniel Luzzi: Universidade de São Paulo - (USP – BRASIL)
Octávio Elísio Alves de Brito: presidente do Unesco-HidroEX - (UNESCO – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E CRÉTIDOS DE CARBONO NO BRASIL: UM OLHAR DA ANÁLISE ECONÔMICA DO DIREITO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL **(autor(es/as): Antonio Lorenzoni Neto).**

DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL: UMA ESTRATEGIA DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO FOMENTO A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS **(auto(es/as): Fernanda Fonseca da Fonseca).**

SERVIÇO SOCIAL, CULTURA E EDUCAÇÃO: BASES PARA UMA NOVA CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PROFISSÃO NO SÉCULO XXI **(autor(es/as): Gleidson Alves Pantoja).**

UMA CONTRIBUIÇÂO DO CURSO DE PEDAGOGIA PARA A ERRADICACÂO DO ANALFABETISMO **(autor(es/as): Maria Onide Ballan Sardinha).**

GRANDES USINAS HIDRELÉTRICAS NA AMERICA LATINA: O ACESSO À ENERGIA ELÉTRICA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÓMICO **(autor(es/as): Markus Gustav Fendel).**

GOVERNAÇA TERITORIAL NA FRONTEIRA MERCOSUL: SAUDE E MEIO AMBIENTE EM DEBATE **(autor(es/as): Maurício Pinto da Silva).**

FORMAS DE EXCLUSIÓN SOCIAL EN LA COMUNA DE OSORNO: APROXIMACIONES INTERDISCIPLINARIAS **(autor(es/as): Víctor Hugo Venegas Giacomozzi).**

MR7.2. Ministério Público e Políticas Sociais

Coordenador: Saint-Clair Honorato Santos - Procurador Público do Paraná – (BRASIL)
Gustavo Javier Gimena: Procurador Geral da Câmara de Apelação da Província de Tucuman - (ARGENTINA)
Enrique A. Viana Ferreira: Procurador - (URUGUAY)
Nicia Regina Sampaio: Promotora Pública do Espírito Santo – (BRASIL)
Margaret Matos de Carvalho: Promotora Pública do Paraná – (BRASIL)

MR7.4. Soberania alimentar, economia solidária e sustentabilidade: o papel da universidade

EMENTA

Esta mesa propõe o debate sobre o papel da universidade frente aos condicionantes sociais e econômicas que influenciam a cultura, a Soberania, a Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) e, por conseguinte, a sustentabilidade dos povos latino-americanos . O fortalecimento das ações em prol de movimentos como: economia solidária, agroecologia, projetos e práticas socioambientais serão pautados de forma a subsidiar e aprofundar o debate. Nesse sentido, serão enfatizadas as experiências que apontem para estratégias e modelos alternativos de convivência e preservação (natureza e cultura) que priorizem o manejo sustentável, o uso e a difusão de tecnologias capazes de fortalecer as unidades políticas e as ações, como um movimento de transformação da sociedade protagonizado por aqueles e aquelas que lutam por uma sociedade mais justa e equitativa no campo e na cidade do continente latino-americano.

Coordenadora: Islândia Bezerra – Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Gracialino Dias: Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Carlos Alberto Cioce Sampaio: Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Julián Perez: Universidade Federal da Fronteira Sul e Rede Ecovida – (UFFS - BRASIL)
Valter Bianchini: Representante da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação no Paraná - (FAO - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

DIREITO HUMANO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA (DHAA) E POLÍTICAS PÚBLICAS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RETRATO DA EXECUÇÃO DO PNAE NO TERRITÓRIO CENTRO SUL DO PARANÁ **(autor(es/as): Andreia Perussolo Dos Santos).**

MUDANÇA DO HÁBITO ALIMENTAR EM CRIANÇAS SUBMETIDAS A TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO E/OU RADIOTERÁPICO NO HOSPITAL DO CÂNCER DE LONDRINA/PR. **(autor(es/as): Diana Souza Santos Vaz).**

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM DOURADOS/MS: UM CONCEITO MULTIVOCAL **(autor(es/as): Magda Luiza Mascarello).**

ARTESANATO UMA ALTERNATIVA DE INCLUSÃO PELO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO LITORAL DO PARANÁ **(autor(es/as): Mayra Taiza Sulzbach).**

FORMAS ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS: RESGATE DA RELAÇÃO SOCIEDADE-AMBIENTE ATRAVÉS DA AGROFLORESTA **(autor(es/as): Regiane Fonini).**

PRÁTICAS ALIMENTARES, IDENTIDADE CULTURAL E SOCIABILIDADE: A COMIDA NO CONTEXTO DAS FESTAS COMUNITÁRIAS **(autor(es/as): Carla Pires Vieira Da Rocha).**

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM DOURADOS/MS: UM CONCEITO MULTIVOCAL[1]

Magda Luiza Mascarello[2]
magdamascarello@gmail.com

Resumo: O presente artigo traz uma discussão sobre a definição de economia solidária encontrada na organização específica da cidade de Dourados/MS, segundo a enunciação de seus agentes. O objetivo é refletir sobre as significações deste fenômeno social tomando como ponto de partida a narrativa dos sujeitos que o constroem ao mesmo tempo em que dele participam. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre os significados imbricados nas relações cotidianas onde acontecem os processos de interação - e não nos marcos institucionais e macro-sociais do fenômeno definidos comumente a partir da pressuposta dicotomia capitalismo *versus* socialismo - e assumir a etnografia e o registro de memória e trajetórias de vida como método investigativo. A reflexão foi elaborada a partir de sete entrevistas realizadas exclusivamente com mulheres que fazem ou fizeram parte da Rede de Economia Solidária de Dourados, cujos critérios para a escolha foram pautados na diversidade das agentes da rede, divididas nas três categorias clássicas reconhecidas na literatura sobre o tema – empreendimentos, assessores ou entidades de apoio e gestores públicos -, a posição que nela ocupam e o reconhecimento dos demais membros da organização. A análise de suas narrativas mostra que economia solidária em Dourados é um conceito que, ao mesmo tempo em que apresenta significados múltiplos, traz generalizações onde estes imbricam-se e complementam-se mutuamente.
Palavras chave: Economia Solidária, memória, trajetórias.

1. Introdução: perspectivas teórico-metodológicas

A literatura sobre economia solidária, seja ela nas ciências sociais ou econômicas, ora de teor mais normativo militante, ora mais institucional e empírico, apresenta uma construção conceitual que passa por múltiplas interpretações, com variações significativas em sua delimitação tanto semântica, quanto hermenêutica. Em inúmeros casos, inclusive, militância e academia se interpenetram e confundem, produzindo uma teoria que imprime um novo conjunto de normas na construção de sentidos de práticas cotidianas dos diferentes agentes da economia solidária. Estes, são normalmente classificados em três categorias: empreendimentos, que são os grupos de produção, consumo e/ou crédito; assessoria, geralmente militantes pertencentes ás entidades de apoio aos empreendimentos, em sua maioria ONGs e universidades; e gestores públicos, os técnicos e profissionais que estão na condução das políticas públicas de economia solidária em municípios e estados.

Alguns autores têm destacado a importância de se conhecer a trajetória das pessoas engajadas na economia solidária e o processo de socialização dos participantes. Um olhar atento sobre estes permite perceber diferentes perspectivas e interpretações dos agentes e sua inserção no campo em suas múltiplas variações. Bertucci (2010), identifica duas interpretações recorrentes mobilizadas nas investigações sobre o tema Para o autor, alguns estudiosos partem do questionamento das relações sociais produzidas pelos processos de assalariamento e afirmam que o trabalho associado é uma

[1] Este artigo corresponde ao segundo capítulo da pesquisa monográfica que está sendo realizada sob a orientação da Professora Dra. Liliana Porto. Departamento de Antropologia – UFPR.
[2] Estudante de graduação do curso de Ciências Sociais - UFPR

estratégia política e uma prática de emancipação dos trabalhadores; outros, por sua vez, se firmam sobre o argumento da importância do pertencimento coletivo como desenvolvimento de auto-estima e de sobrevivência.

Também com o intuito de lançar um olhar sobre os esforços de explicações e justificação da economia solidária, com uma perspectiva oriunda das ciências econômicas, Pereira (2011) sintetiza diversas pesquisas até então realizadas, classificando-as em quatro grandes e diferentes teses – que mobilizam argumentos favoráveis e/ou contrários - sobre este fenômeno social. Para a autora, é possível identificar na literatura a defesa da (i) economia solidária como um modo de produção que enseja o socialismo; (ii) como uma economia que, embora não-capitalista e plural, não aponta para mudanças significativas na estrutura do modo de produção; (iii)como uma política pública inovadora de inclusão social e; (iv) uma tese contrária que a define como um conjunto de atividades que precariza e flexibiliza as relações de trabalho.

Com base nesta literatura é possível constatar que tanto os argumentos favoráveis à prática, quando contrários, tomam como ponto de partida a clássica dicotomia capitalismo *versus* socialismo/comunismo. A economia solidária aparece sempre em trânsito entre um e outro, segundo a interpretação do pesquisador e as características empíricas específicas do material, local ou grupo investigado. Sem desconsiderar a importância deste debate, entende-se aqui que o ponto de partida destas pesquisas tomado enquanto unidades dicotômicas, além de assimetrias e hierarquizações, abriga o risco de ser lido a partir de concepções substancialistas de elementos que se contrapõe, resultando em comparações e generalizações tão somente compreendidas no contraste, perdendo-se pelo caminho investigativo as complexidades e singularidades da economia solidária e de suas diversas manifestações em contextos específicos.

A partir de uma perspectiva antropológica, o presente artigo tem por objetivo *buscar uma definição de economia solidária nas relações que são estabelecidas pelos seus agentes em Dourados/MS, ou seja, identificar os significados que são mobilizados e construídos pelas pessoas que fazem parte da Rede de Economia Solidária da cidade quando definem sua prática.* Para isso, o ponto de partida são suas próprias vozes, encontradas nas narrativas recolhidas em entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.

Assumir a dialogia como método para a compreensão da economia solidária em Dourados, exige tomar como ponto de partida a voz dos sujeitos ouvidos e observados em campo e remete à necessidade de posicionar-se em um lugar outro, diferente das

posturas dicotômicas apresentadas. Trata-se da tentativa de dialogar com este "grande divisor" – capitalismo *versus* socialismo - a partir de uma "reconversão do olhar" do pesquisador que pode resultar na "possibilidade de atingir pontos de vista outros através de outros pontos de vista". (Goldmann e Lima1999, p. 91).

Goldmann e Lima, fazendo uma reflexão sobre a própria antropologia e sobre uma tendência histórica de seu pensamento de trabalhar a partir da contraposição Nós/Eles, indicam possibilidades - e até mesmo a necessidade - de se problematizar os chamados "grandes divisores"3 na análise antropológica, uma vez que estas partilhas dicotômicas e contrapostas trazem em si alguns problemas que precisam ser evitados.

O primeiro problema mencionado pelos autores é a concepção unidimensional da diferença fundamentada em pressupostos substancialistas de ambas categorias contrapostas entre si, como se fossem unidades singulares. Este está intrinsecamente ligado a um segundo equívoco que consiste "em fazer com que o conjunto seja representado por alguns de seus elementos, escolhidos entre aqueles que se opõem de maneira mais aguda aos elementos escolhidos para representar o outro conjunto", onde "os termos em oposição são tratados como unidades e construídos a partir de um procedimento que toma a 'parte' (algo que efetivamente ocorre em determinados contextos e momentos) pelo 'todo'". (idem, p. 86). Os autores mencionam também outros problemas derivados destes, que vale a pena levar em conta, tais como: uma provável comparação descontextualizada, a desconsideração das raízes valorativas da diferença em nome de uma pretensa neutralidade comparativa, a transformação de juízos emergentes de processos relacionais em atributos inerentes aos objetos contrapostos e o mais importante de todos e que subordina todos os demais, a transformação da diversidade em oposições rígidas.

O intuito ao apontar estes problemas não é eliminar as comparações, mas assumir as condições às quais elas devem estar submetidas a fim de permitir a emergência de manifestações plurais de significações que são recolhidas no trabalho etnográfico e nos processos dialógicos estabelecidos na pesquisa. Nas palavras dos autores, estas submissões são de duas ordens:

> A primeira, sobre a qual Lévi-Strauss há muito tempo já chamava a atenção, é não supor que a comparação se funda na generalização. Ao contrário, é somente no aprofundamento da riqueza das singularidades que o projeto comparativo pode ganhar um sentido. Em segundo lugar, o pluralismo estimula as comparações, mas exige que o confronto seja efetuado em práticas e concepções reais e precisas, isoladas a partir do estudo etnográfico minucioso de qualquer sociedade. (idem, p. 91)

[3] O conceito de "Grande divisor" foi utilizado pela primeira vez por Jack Goody, conforme fora apontado por Goldmann e Lima (1999, p. 83) no artigo aqui citado.

Na tentativa de assumir como ponto de partida as enunciações recolhidas no trabalho de campo e não a partilha trazida pela literatura da área como modelo para a compreensão do fenômeno social estudado, a proposta neste capítulo é buscar uma definição de economia solidária a partir de um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), como fora apontado, e identificar significados que são mobilizados e construídos pelas pessoas que fazem parte da Rede de Economia Solidária de Dourados quando narram suas trajetórias, definem sua prática e estabelecem seus pertencimentos. Para isso, as definições possíveis emergem de suas próprias vozes, encontradas nas narrativas recolhidas pelas entrevistas. Neste sentido, além das palavras enunciadas que definem o que é ou deve ser economia solidária - ou então o que não é ou não deve ser -, em suas diversas variações semânticas, são situadas e contextualizadas as entrevistas, uma vez que tanto as narradoras quanto as condições em que produzem suas narrativas são fundamentalmente importantes para a compreensão dos sentidos que delas emergem.

Com perguntas semi-estruturadas, a memória dessas mulheres foram sendo recolhidas e sistematizadas, revelando-se um importante instrumento de compreensão dos sentidos que vão sendo engendrados cotidianamente, a partir da emersão de diferentes pontos de vista moldados em trajetórias sempre e ao mesmo tempo individuais e coletivas, e recolocados no cenário público através de um contexto dialógico específico construído entre pesquisador e pesquisados durante a entrevista. Não se trata, portanto, de uma coletânea de informações já previamente definidas, “mas de um processo múltiplo de produção gradual de significados, influenciado pelo desenvolvimento do sujeito, pelo interlocutor e pelas condições do ambiente”. (Portelli, 2007b, p. 72).

Sendo assim, as narrativas que definem economia solidária em Dourados são intensamente pessoais porque construídas com significados profundamente coletivos derivados, inclusive, das teorias mencionadas e nelas refletidos, bem como em compreensões mais amplas dos demais agentes do campo, e remetem a sujeitos que pensam sua própria prática e recriam a identidade à mesma medida que organizam os fatos, constroem os enredos, identificam relações e produzem variadas definições. As narrativas que conformam este estudo revelam não apenas biografias específicas que constroem a história e a definição da Economia Solidária em Dourados, mas remetem também às histórias que constroem essas biografias, onde a memória se pronuncia como “um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas”. (idem, 2007 a, p.27).

A pergunta *"o que é economia solidária para você?"* foi feita em todas as entrevistas e as múltiplas respostas revelam a complexidade do campo e alguns limites explicativos da partilha-modelo capitalismo versus socialismo, quando trata-se da compreensão de um contexto específico e dos significados e ele atribuídos pelas pessoas que ali circulam. Economia Solidária aparece nas narrativas das mulheres de Dourados, como um conceito plurivocal constantemente em movimento e negociação, ora articulado entre o silêncio e a enunciação, ora ainda entre a dúvida, a indução e a normatividade. Ao responder à pergunta emitida na entrevista, essas mulheres definem não apenas o conceito mencionado, mas revelam o que pensam da sociedade onde vivem, o lugar de onde estão falando e suas próprias convicções e dúvidas sobre o tema e a prática. Além disso, constantemente apontam para uma conjuntura mais ampla onde o fenômeno estudado se situa e revelam o caráter híbrido e complexo do conceito, cujas definições estão sempre em processo de construção e significação em situações circunstanciais específicas.

Se a teoria elaborada para a explicação e a militância no campo regra, de alguma maneira, a compreensão da economia solidária, é possível perceber um certo descompasso entre os fins teóricos e as práticas estabelecidas pelos agentes e a forma como estes permanentemente reinventam e adaptam suas práticas às variadas situações cotidianas. (cf. Bourdieu 2004, p. 80 e 81). Estas invenções e improvisações, no entanto, estão limitadas em um campo demarcado e definido, apontando para a coexistência simultânea de liberdades e coações. Como afirma Bourdieu fazendo alusão à metáfora do jogo, "um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades". (idem, p. 83).

Nesse sentido, a definição de economia solidária em Dourados, articula-se tanto com o conceito normativo e pronunciado pelas teorias acadêmicas, estatais e militantes, quanto com as práticas narradas a partir de enunciações biográficas, onde a vida das narradoras e a economia solidária se constroem e definem mutuamente, articulando regras e estratégias.

Para deixar mais evidentes estas proposições, são aqui trabalhadas de forma detalhada sete trajetórias das mulheres da economia solidária, em quatro grupos de significações, que apontam possíveis conceituações desta prática no contexto específico da cidade. Estes quatro grupos estão divididos em dois blocos onde, de um lado estão as definições das mulheres consideradas apoiadoras da rede segundo a clássica classificação dos agentes nas três categorias citadas – tanto pertencentes à ONG

Mulheres em Movimento, quanto à prefeitura municipal -, e de outro as participantes de empreendimentos econômicos solidários. Estes dois blocos, no entanto, não apresentam entre si qualquer antagonismo de definições. Ao contrário, neles são mobilizados significados que se articulam, refletem e complementam mutuamente. Os nomes utilizados neste são fictícios, opção tomada para preservar as narradoras.

2. Economia Solidária como vocação e missão

Uma importante definição que pode ser apreendida da pesquisa etnográfica e das entrevistas realizadas com as participantes da rede de economia solidária de Dourados remete a um processo de assumir esta prática como uma proposta que traz continuamente uma motivação para um engajamento total em detrimento de um esquecimento de si mesmo em favor da "luta por outro modelo de sociedade". Nesse sentido, três das entrevistas são fundamentais para esta definição.

Duas delas foram feitas com duas irmãs, ambas religiosas de uma congregação franciscana, em que uma delas trabalha como coordenadora da ONG Mulheres em Movimento e administra o Banco Comunitário e a outra esteve com esta tarefa em anos anteriores, sendo que atualmente já não mora na cidade, trabalho que deixou para cumprir demandas colocadas por sua congregação religiosa. A terceira entrevistada corresponde a uma mulher que ingressou na rede com uma contratação da prefeitura municipal para desenvolver a tarefa de animação dos empreendimentos em um bairro de periferia e que, posteriormente, integrou a equipe que dinamiza as atividades do banco comunitário a partir da efetivação de microcrédito para os grupos, circulação da moeda social e efetivação do plano de formação desenvolvido nos bairros. Para estas três mulheres a definição de economia solidária vai sendo descortinada no enredo de suas trajetórias como uma vocação e, consequentemente, como missão assumida, onde as atividades se interpenetram e até confundem com a própria vida, definindo todas suas escolhas.

A entrevista com Lurdes, uma das religiosas franciscanas que atualmente está na coordenação da ONG Mulheres em Movimento – a entidade que faz a administração do banco comunitário -, aconteceu em sua casa. Um espaço que concentra inúmeros objetos da economia solidária, desde produtos de consumo e usos coletivos como a alimentação, produtos de limpeza, tapetes e toalhas, até objetos pessoais, como o vestuário, adornos e imagens nas telas dos computadores. Uma casa que reflete a diversidade da produção local da economia solidária.

Lurdes iniciou sua narrativa descrevendo detalhadamente sua infância girando em torno de um eixo discursivo identificado com certa “busca por uma terra”. Filha de agricultores, a família viveu constantes deslocamentos de um estado para outro à procura de um local onde tivessem terra para trabalhar.

> A gente veio pra Mambai, fica uns cento e poucos quilômetros daqui de Dourados, já fronteira com o Paraguai. Ficamos uns cinco anos em Mambai. Na verdade o motivo de sair de Santa Catarina era conseguir terra pra trabalhar, pra plantar, era o desejo do meu pai. O sonho dele era conseguir ter a sua terra para trabalhar. E em Santa Catarina era junto com os outros irmãos era pouca terra para muita gente e ele se aventurou de vim pra cá.

A busca de terra para todos da família e uma compreensão de trabalho estreitamente relacionado à agricultura, é articulado na fala da narradora com processos de organização familiar pautados pela atividade coletiva, onde cada um dos filhos recebia uma função. Esta, no entanto, é enunciada sempre tendo em vista o mencionado eixo, *“terra para trabalhar*”. Depois de instalados em Mambai, dada a expansão do perímetro urbano, a busca pela terra provocou mais uma saída da família, agora do Mato Grosso do Sul para o norte do país:

> Em Mambai começou produzir a mandioca dai vendia a mandioca na cidade e com o passar do tempo essa área que o pai plantava, fazia parte do perímetro urbano e a prefeitura o requisitou. Aí o pai construiu. Dividiu em lotes, construiu casas e vendeu lotes com a casa de madeira construída por ele e meu irmão e nós todos ajudando, cada um tinha seu serviço. Eu lembro que da Tereza o serviço era a pregar matajunta o meu era ajudar no assoalho. Cada um tinha sua função na casa, nas construções. E com o dinheirinho dessas casas foi que daí a gente, como o pai precisava de terra pra trabalhar já não dava mais. Daí fomos pra Rondônia.

Instalados no município de Vilhena, em Rondônia, tendo a família já conquistado a sonhada terra, o eixo da narrativa de Lurdes, ainda referindo-se à sua infância, sofre um significativo deslocamento, ao mesmo tempo enunciativo e semântico, que passa a narrar as relações estabelecidas com os demais moradores do lugar a partir da inserção nas organizações da igreja católica, chamadas “*comunidades*”. Neste momento, a entrevistada muda o foco enunciativo, passando da narrativa da história de sua família para uma localização de sua experiência individual. O *“nós”* familiar é paulatinamente substituído pelo *“eu”*, e a *comunidade* marca o início de uma trajetória que a partir de então, está estreitamente ligada às suas opções individuais posteriores - entre elas a economia solidária - como parte de uma única experiência que vai, inclusive, ressignificar o fato de possuir “*terra para trabalhar*”. Se a história da família pode agora ser sintetizada, conforme a transcrição abaixo, em “*a vida seguiu*” - ainda que mencionando as inserções de seus pais -, no que se refere à sua experiência pessoal há um novo começo onde pode ser também encontrada a gênese de sua opção pela vida religiosa e, posteriormente pela economia solidária, ambas com o mesmo significado. Afinal, conforme indica sua enunciação, “a *vida em comunidade sempre foi forte (...) minha experiência começou ali*”.

> Mas eu sei que essa foi uma experiência bem interessante na minha vida, ir para comunidades, com cinco anos eu saia e ia pra comunidades. Aí em Vilhena a vida seguiu. A vida em comunidade sempre foi forte, com minha família, meu pai sempre teve envolvido nas coordenações das igrejas, antes era um compromisso dos presidentes de igreja fazer a festa da igreja e meu pai sempre teve ligado com isso e quando começou então a questão de cebs aí a gente se envolveu mais como comunidade, porque antes eu ia pra missa e não existia formação, nada, e a partir da CEBs [Comunidades Eclesiais de Base] é que começa todo um processo mais formativo nas comunidades, a gente tinha a nossa comunidade em Vilhena também perto de casa, tinha duas serrarias que funcionavam perto. Então a comunidade estava com as duas serrarias perto e os sitiantes vizinhos e a minha experiência começou ali.
> (...)
> A questão da vocação despertou mais com o trabalho na comunidade, com CEBs com outro tipo de organização.

A partir de então, sua narrativa concentrou-se no vivido desde seu ingresso na congregação religiosa, identificando continuamente suas inserções em diferentes "*comunidades*". Estas, no entanto, passaram a ser configuradas em sua enunciação a partir do acréscimo de outro substantivo a elas indissociável, a "*pobreza*". O que antes eram reconhecidos como deslocamentos em direção a terra para trabalhar, passa agora a ser uma busca constante de aproximação a "*comunidades pobres*", proposição que assumiu o lugar central na narração, substituindo o eixo anterior. Todos os anos de congregação religiosa são relatados por Lurdes como experiências de pobreza conhecidas, aproximadas e vividas. Uma pobreza genérica – ora identificada com periferias urbanas, ora ainda com povos ribeirinhos no interior da Amazônia ou indígenas Quéchuas do altiplano Boliviano, lugares onde morou por um tempo -, mas sempre compreendidas como o espaço do conflito e da carência e, simultaneamente, o lugar onde se encontra o "*povo*", destinatário fundamental da missão. Povo que precisa ser defendido ao mesmo tempo em que é reconhecidamente portador de forças ontológicas de transformação das situações de dominação social e de superação da própria pobreza. Esta assume uma significação dupla e paradoxal, como um valor a ser buscado e experimentado e ao mesmo tempo como uma das piores mazelas sociais a ser enfrentada e erradicada a partir desta missão de "*defender o povo*".

> Uma experiência bem interessante que foi o primeiro ano que o noviciado saiu de Campo Grande porque o postulado e o noviciado era em Campo Grande. Era a primeira experiência do noviciado na periferia, foi muito interessante, nossa casa é pequena uma poeira desgramada, de não ter coisas a casinha baixinha, de usar beliche, a última que usava o beliche não podia levantar tinha que sair de ladinho porque senão batia a cabeça, não tínhamos pratos, o nossos pratos eram latinhas de margarinas, era assim uma experiência bem legal, bem interessante os armários eram uma prateleiras, a gente deixava os copos, os copos eram de alumínio, que brilhava naquela prateleira, um cartão postal daquela casa era a prateleira de alumínio tudo brilhando.
> (...)
> Imagina eu cheguei em Juruema assim toda cheia de medo, com meus 20 aninhos, cheguei em Juruena com 20 anos. Era nova e tive a minha maioridade foi lá. Assim na primeira semana que eu cheguei, eu cheguei em um dia e no dia seguinte tinha uma reunião na prefeitura que era um conflito de terra e que o negócio tava dando quase morte e eu sei que a Zenilda eu tava morando com a Zenilda você vai ter que entender como é o processo, vamos embora pra reunião eu sei que eu tava morrendo de medo da reunião. Lá tinha o cara armado, era por causa de um terreno e tinha um grupo que tava ocupando o terreno e o outro não queria deixar, eu sei que a minha recepção foi diretamente na frente do cara

> armado com suas carabinas. Mas é assim muitos conflitos de terra e a igreja era isso não tinha como dizer não vai, igreja era isso era defender o povo.

Com a mobilização das significações citadas nas transcrições acima, Lurdes foi reconstruindo sua trajetória à medida que deslocava os significados de uma centralidade na busca pela terra para constantes inserções em comunidades pobres até o momento em que começou a descrever a economia solidária em Dourados. Neste, os substantivos terra, comunidade e pobreza começaram a ser mobilizados conjuntamente e passaram a fazer parte de uma única expressão: economia solidária. É significativo em sua trajetória que, como parte integrante de sua missão, a terra que recebeu como herança da família foi vendida e o valor recebido foi doado integralmente pela entrevistada à organização de economia solidária de Dourados para ser destinado à efetivação de microcrédito a grupos/comunidades pobres da periferia de Dourados com o intuito de que estes tenham as condições necessárias para iniciar suas atividades produtivas em empreendimentos econômicos, e possam, dessa maneira, emancipar-se através da geração de trabalho e renda e do acesso a processos de formação exigidos como condição de acesso ao crédito. Esta doação de Lurdes não apenas viabilizou a abertura do banco comunitário e a possibilidade de instalação do sistema de financiamento, mas foi também responsável pelo aumento significativo no número de empreendimentos que dá visibilidade à proposta na cidade. A herança é atualmente o principal recurso mantenedor da ONG Mulheres em Movimento, entidade administradora do banco.

Ao ser questionada sobre o que é Economia Solidária, Lurdes manifesta um significado que pode ser considerado como a síntese de toda sua trajetória:

> Um outro jeito de se organizar, e viver em sociedade, uma proposta de vida , de vida na sua integralidade do ser humano, da vida em sociedade, da comunidade, uma relação diferente com o mundo, com os companheiros do grupo da caminhada, um jeito bem diferente daquilo que a própria sociedade coloca, a gente vive num individualismo muito grande imposto pelos meios de comunicação , e a economia solidaria contrapõe isso, e a gente sente que as pessoas tem necessidades de ser diferentes, por mais que falam do individualismo, por mais que tenham ações de individualistas eles, elas sonham com um jeito diferente , e eu também sonho com esse jeito diferente. Em que a gente pode ser.

É interessante perceber que primeiramente a narradora apresenta a economia solidária como uma "*proposta de vida*" e destaca que esta está diretamente relacionada à compreensão de um ser humano total inserido em um ideal de "*comunidade*" pautado pela ausência de conflitos e diferenças, centralizado no altruísmo como característica ontológica do ser humano. Um ideal, portanto, no qual vale a pena entregar tudo o que possui. Um sonho que assume o lugar de proposta de vida e de estratégia missionária.

A trajetória de Tereza, sua irmã e também religiosa franciscana, é igualmente significativa neste sentido, e estabelece estreito diálogo com as significações que emergem da história contada por Lurdes. A entrevista com ela realizada foi marcada por

pausas onde eram emitidas frases que fazem síntese de períodos de sua vida, demarcando-os como parte de um único processo que define e explica suas opções, desde a escolha pela vida religiosa consagrada, até a dedicação integral à economia solidária.

Depois de contar como foi seu nascimento e as dificuldades enfrentadas por sua família nas atividades da agricultura primeiramente no interior do estado de Santa Catarina e suas múltiplas mudanças posteriores em busca de mais terra e melhores condições de plantio, Tereza sintetiza:

> Assim, estou contando esta parte aqui porque minha vida ela foi marcada pela migração.

Continuou sua narrativa discorrendo brevemente sobre as contínuas saídas da família para diferentes ambientes até o momento em que se estabilizam em uma chácara no interior de Rondônia, onde passam a dedicar-se à produção de grãos. Novamente a síntese explicativa:

> Assim, neste contexto de migração, eu saí de casa com treze anos com o desejo de ser irmã. E assim, pra mim, naquele tempo, eu queria achar um jeito de ajudar as pessoas. E ser irmã eu achava que era um jeito de ajudar as pessoas.

De Rondônia segue para o Mato Grosso a fim de estudar “para ser irmã”. Logo no primeiro ano em que era religiosa, Tereza conta o que foi sua experiência pioneira como missionária e os desdobramentos desta, que assume em sua narrativa um papel determinante para as escolhas posteriores em toda sua trajetória:

> Com quarenta dias que eu tinha professado eu entrei em uma ocupação de terra e fui morar em Juti, hoje é município. Naquele tempo era município de Carapó, próximo a Dourados. Era a primeira ocupação feita pelo MST no Mato Grosso do Sul, em 84. E eu entrei na ocupação como esposa de um agricultor. Eram mil homens e dezessete mulheres. Então foi uma experiência assim muito forte. Nós ficamos dezenove dias na ocupação, a polícia roubou toda a comida. A única coisa é que no primeiro caminhão tinha macarrão, então nós ficamos esses dias todos comendo macarrão, sem sal sem nada, porque não tinha nada. Nós ficamos lá ilhados. A gente atravessou o rio de barco. E houve despejo. Todos fomos despejados. E assim uma cena muito marcante é que precisava de um advogado, pra defender pra gente ver se conseguia protelar o despejo, mas não conseguimos nenhum advogado naquela ocasião. E ali nasceu meu desejo de ser advogada: “Eu vou estudar, o dia que eu puder estudar eu vou estudar advocacia pra defender o povo que não tem com o que pagar. Pra mim isso era muito claro. E daí claro, depois eu fui trabalhar em comunidades, para lá e para cá, Juruena, pro norte, enfrentei muita coisa, enfrentei muitos conflitos. E voltei pra Dourados. Estudei, fiz advocacia, depois trabalhei em Comodoro com Sindicato dos Trabalhadores Rurais, associações rurais, fazia assessoria aos sindicatos e vinte e três associações rurais. Sempre na luta pela terra, a previdência social, naquele tempo a previdência social do agricultor. Trabalhador e trabalhadora rural, seguridade especial. Então, muitos processos nessa campo e depois acabei chegando em Dourados de volta.

Mencionando seu retorno a Dourados por onde havia passado junto com a família quando criança, em busca de terra para plantio antes de instalar-se em Rondônia, Tereza passa a contar a forma como foi se inserindo na rede de economia solidária da cidade a partir da proposta da prefeitura municipal onde assumiu a assessoria jurídica dos empreendimentos que iam sendo formados, resultantes da atuação da superintendência

de economia solidária, até a fundação da ONG Mulheres em Movimento da qual assumiu a presidência no primeiro momento, quando deixou o trabalho junto a prefeitura. Depois de descrever o funcionamento da rede de economia solidária e mencionar os diferentes agentes nela envolvidos, Tereza novamente faz síntese:

> A gente foi desenvolvendo e entendendo o que é a Economia solidária, entendendo que a economia solidária não é apenas a geração de renda, mas que é um projeto de sociedade, que não é uma coisa de fundo de quintal, mas que é uma proposta de vida. E assim, eu pessoalmente fui me encantando pela coisa. Um pouco a minha vida e minha missão é aquilo lá. Eu acredito na economia solidária, que ela é uma proposta de vida.

Da mesma maneira como aparece na narrativa de Lurdes, definindo economia solidária Tereza revela também sua "*proposta de vida*", aproxima dela seus sonhos e encantamentos, estabelece o que identifica como sua missão e manifesta uma crença no que chama de "*projeto de sociedade*", ainda que sem descrevê-lo de forma mais detalhada.

A entrevista com Ana aconteceu no banco comunitário onde trabalha atendendo os empreendimentos que ali chegam para solicitar microcrédito. Esta é sua segunda ocupação na economia solidária de Dourados, função que passou a exercer desde que deixou a equipe da prefeitura municipal na qual desenvolvia atividades de monitoramento das ações desencadeadas pela política pública no bairro onde morava. A narradora se ateve a falar sobre a maneira como compreende a economia solidária, definindo-a sempre como uma proposta de sociedade pautada na liberdade e altruísmo total, intensificando os argumentos mobilizados nas duas entrevistas anteriormente mencionadas. Um modelo de sociedade que é identificado também com um projeto, ou seja, uma estratégia de militância e simultaneamente um devir, é definido por Ana como uma preocupação moral e um compromisso total tanto com aqueles que lhe estão próximos, quanto com uma certa fraternidade planetária que inclui responsabilidades ambientais:

> Assim você se preocupar fisicamente, espiritualmente, mentalmente com todos. Não ter preocupação só fisicamente e esquecer que existe sentimento, que tem a preocupação que tem... Então, economia solidária pra mim é ter essa preocupação com o meu próximo, com o ser humano, com a questão do planeta, ambiental, no todo.

As três narradoras assumem uma forma de definir economia solidária pautada na afirmação pela negação. Nesse sentido, identificam o que consideram como limites da vida social - o individualismo, a degradação ambiental, a carência, etc. - e conceituam a economia solidária como sendo o seu contraposto e, portanto, um "*outro modelo de sociedade*" que exige ser projetado e construído.

Destacar estes elementos presentes nos trechos transcritos permite identificar um modelo tomado como ponto de partida nas palavras das narradoras, não como uma contraposição entre capitalismo e socialismo - embora o primeiro seja mencionado - mas

entre uma força que é exterior às pessoas e que cria individualismos e a luta emancipadora nomeada como um devir inerente à economia solidária. Esta luta emancipadora é assumida como projeto de vida por estas mulheres que dedicam-se por completo para "*defender o povo"* ou "*ajudar as pessoas"* como quem, além de entregar a própria existência na efetivação da proposta, encontram os sentidos de sua vida naqueles que são atribuídos à economia solidária e vice-versa.

Essas trajetórias verbalizadas a partir de uma memória demarcada e organizada em atos fundantes e de convicções que determinam a economia solidária como opção de vida, remetem a elementos que conformam o que Gilberto Velho (1998) identificou como *"Cultura Bíblica"*. Para o autor, a cultura bíblica pode ser compreendida a partir de duas expressões fundamentais que, articuladas entre si, estabelecem uma relação de mútua definição e total interdependência: *cativeiro e libertação*.

> O primeiro ponto a assinalar é que a expressão cativeiro aparece para designar ausência de liberdade ou, mais precisamente, de libertação; os dois termos formando, portanto, um binômio indissociável, sobretudo através das expressões derivadas cativo e liberto, como em terra cativa e terra liberta. Ambas expressões são extremamente plásticas, servindo para caracterizar situações as mais diversas, desde os contextos sociopolíticos mais amplos,a te circunstâncias do cotidiano. (idem, p. 14)

As noções de cativeiro e libertação podem ser encontradas subliminarmente nas memórias mencionadas, não enquanto perspectivas em oposição, mas como passagens entre ambas, que implicam sempre "saídas" em busca de um "devir", projeto e modelo. Na narrativa de Tereza, por exemplo, dizer "*minha história foi sempre marcada pela migração*" é uma forma de afirmar que a trajetória foi determinada por "saídas" e que estas visavam melhores condições de vida, primeiramente para a família e, desde que começou a tomar suas próprias decisões, para "*ajudar as pessoas*".

Velho aponta que a noção de cativeiro aparece associada a fenômenos como a expropriação e a dominação e ocupa, muitas vezes, o lugar de sinônimo de capitalismo. Nas três narrativas aqui destacadas, a opção pela economia solidária é vista como a própria transformação do sistema capitalista e, conseqüentemente, como conquista da libertação, ou seja, da autonomia, da liberdade e, porque não, da solidariedade. Desta maneira, o que se tem não é a contraposição capitalismo *versus* socialismo, mas a crença na possibilidade de passagem, um deslocamento de uma situação de cativeiro para uma liberdade altruísta absoluta e planetária. Esta causa exige uma dedicação integral daqueles que por ela optam e uma forma de conhecimento especial que permite não apenas identificar as situações e características do cativeiro capitalista, mas que oferece também as ferramentas necessárias para vislumbrar um caminho para a conquista da libertação identificada como um modelo específico de convivência.

> Se a gente consegue entender a economia solidária como um modelo econômico que tem no centro a vida e não o lucro, mas que cuida da natureza, porque ela tem que produzir pra nós e para aqueles que vêm depois, que cuia da vida do outro, que eu tenho direito, mas minha colega, meu vizinho também tem. Que eu preciso viver, mas não só eu. Que não é acumular, mas repartir. Lutar pelo direito de todos. Eu acredito que esse é o modelo de sociedade que nós queremos. Eu aposto nisso. (Tereza)
>
> Acreditar que através da luta, da organização a gente consegue chegar no objetivo que a gente tanto sonha que é a economia solidária onde que todos tenham essa... – como posso dizer assim – acreditam realmente, sonham nesse modelo de sociedade (...) essa transformação que a gente tanto sonha e que a gente tanto luta pra que isso aconteça, quando isso acontecer. (Ana)
>
> Economia solidária é um projeto de vida. (...) Paixão,paixão mesmo sei lá, por um mundo diferente. (Lurdes)

Acreditar, entender, lutar, transformar, cuidar, sonhar... Verbos que vão definindo a economia solidária como uma missão a ser assumida por pessoas vocacionadas ao altruísmo, como entrega total a esta "*causa de libertação*", de superação de um capitalismo-cativeiro.

3. Economia Solidária: Uma política pública de inclusão produtiva

Durante a pesquisa de campo por duas vezes houve um encontro com Joana. No primeiro, sem gravar entrevista, se deu uma conversa mais formal realizada na sala onde trabalha como Assistente Social na Prefeitura Municipal de Dourados, em que ela, logo após mencionar o sucesso das ações de economia solidária desenvolvidas em anos anteriores no município, imediatamente disponibilizou uma grande quantidade de materiais (relatórios pedagógicos, contábeis, fotos, livros, folders, vídeos, etc.) elaborados durante os oito anos (2000-2008) em que este era o principal programa da Secretaria de Assistência Social, cuja superintendência específica estava sob sua responsabilidade. Descreveu entusiasticamente a equipe de trabalho e algumas das ações desenvolvidas pelo município junto aos beneficiários das políticas de transferência de renda do Governo Federal, da quantidade de pessoas que se mobilizavam em torno desta proposta, dos altos investimentos da prefeitura neste programa e da estreita e fundamental parceria com a ONG Mulheres em Movimento. Essa foi fundada em janeiro de 2004 e assumiu a função de contribuir na estruturação de empreendimentos econômicos a partir da disponibilização de microcrédito para aquisição de equipamentos e matéria-prima necessários ao início da produção e comercialização nos empreendimentos, iniciativa que posteriormente resultou na criação de um Banco Comunitário e na emissão de Moeda Social própria.

Com as duas gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) – 2000-2004 e 2005-2008 - a economia solidária foi assumida pela administração do município com estratégia para o enfrentamento ao desemprego que havia na cidade neste período, a partir do

fomento de iniciativas de geração de trabalho e renda através da criação de uma superintendência dentro da Secretaria da Assistência Social.

Segundo Ledi Ferla, Secretária Municipal da Assistência Social no período mencionado:

> Esta política do Município de Dourados constituiu-se de um conjunto de projetos, programas e ações articulados entre si, que visam estimular e fomentar a economia popular solidária no Município, como estratégia de emancipação social, geração de trabalho e renda e desenvolvimento local, prioritariamente nas comunidades de bairros populares. Tal iniciativa não é uma ação isolada, mas integra a política pública da Assistência Social e Economia Solidária no município de Dourados, implementada pela prefeitura, através da Superintendência de Trabalho e Economia Solidária, que por sua vez, se articula com o conjunto de ações do governo, cujos investimentos públicos voltam-se prioritariamente a diminuir as desigualdades sociais na cidade de Dourados – MS. (Ferla, 2008, p. 60)

O segundo encontro aconteceu meses depois em sua casa, em data previamente agendada para a entrevista que, desta vez resultou no registro da narrativa cujas transcrições são utilizadas neste texto. No diálogo, apoiada nos registros municipais, Joana retomou o relato detalhado da maneira como trabalhava junto a uma equipe na Secretaria de Assistência Social, especificamente na superintendência da Economia Solidária. Não se cansava de tecer elogios à iniciativa e de demonstrar com relatórios e estatísticas – linguagem comumente utilizada pelo Estado para avaliar suas ações - o quanto ela foi exitosa e a perda que significou e ainda significa para o desenvolvimento da cidade a não continuidade desta política pública desde que o Partido dos Trabalhadores deixou a gestão municipal, em outubro de 2008.

Esta era realizada com a contribuição do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE - que oferecia cursos de capacitação profissional e formação técnica aos moradores desempregados dos bairros periféricos de Dourados a partir de um convênio firmado com a prefeitura. Parceria que, conforme é possível apreender na entrevista de Joana, provocou certo desconforto entre alguns agentes da economia solidária e tensão entre a lógica do empreendedorismo encontrada nos cursos de capacitação profissional do SEBRAE e a proposta autogestionária e altruísta da economia solidária que vai sendo narrada como o "*Outro*" do capitalismo, reconhecida como *"uma coisa bem maior"* do que cursos de capacitação técnica.

> Todos faziam qualificação e requalificação. Depois, neste processo de qualificação, a gente fazia a sensibilização com eles, da importância da economia solidária, da importância deles se inserirem nesse processo. Porque no mercado de trabalho formal você não encontra trabalho para todo mundo, e que é uma outra economia. A economia solidária não é só uma proposta alternativa ao desemprego, ela é uma proposta de uma "outra" economia que é uma coisa bem maior. Alguns autores trazem como uma alternativa ao desemprego. É. Só que não é só isso, é uma proposta bem maior, uma construção de uma "outra" economia. Então a gente trabalhava tudo isso, uma sensibilização.

A política pública de economia solidária em Dourados e a maneira como ela é compreendida enquanto uma experiência exitosa por diversos de seus agentes, remete a

um contexto mais amplo de transformações das políticas sociais no Brasil das últimas décadas que abriram espaço para experiências como estas em âmbito local municipal. A chamada crise do trabalho nas décadas de 1980 e 1990 e as mudanças nas relações estabelecidas entre Estado, economia e sociedade civil a partir da Constituição Federal de 1988 são reconhecidas em grande parte da teoria produzida sobre economia solidária, com a própria condição de sua existência.

DRAIBE, (1993 e 2002) analisando este contexto nacional, faz algumas afirmações que permitem uma melhor compreensão da alocação de políticas públicas de geração de trabalho e renda dentro das secretarias da Assistência Social nos municípios. Segundo a autora, é neste período que as políticas sociais ganham força no interior do aparelho estatal e este, por sua vez, passa a exercer um papel fundamental na produção e regulação de bens e serviços sociais. Ingressando nesse diálogo, Pereira (2010) indica que a atuação do Estado no âmbito da política social nos governos pós-constituinte se deu a partir de três premissas: *a descentralização, a focalização e a privatização*. A primeira delas – *descentralização* – traz o objetivo de aproximar as estruturas estatais do público beneficiário da política, aumentando os níveis de interação e articulação local entre Estado e sociedade civil. A *focalização* refere-se à destinação dos serviços públicos a grupos sociais específicos, selecionados segundo sua necessidade e urgência. A terceira premissa, *privatização*, consiste no deslocamento dos recursos públicos para o setor privado, lucrativo ou não, a partir da justificativa de uma maior eficiência deste no atendimento às demandas sociais, conciliando iniciativas do Estado e do Terceiro Setor a partir da formalização de parcerias, aumento do volume de recursos públicos aplicados nos projetos das Organizações Não Governamentais e intercâmbio entre profissionais do setor público e privado. Essas ações, segundo a autora, deram aos programas de assistência social um caráter de atuação prefeiturizada e de focalização na pobreza, com o desenvolvimento de programas locais de geração de trabalho e renda e inclusão produtiva.

Esta conjuntura nacional está refletida não apenas na organização da política pública de economia solidária em Dourados, mas também pode ser percebida nas significações e conseqüentes justificativas mobilizadas por Joana no momento em que elabora sua narrativa sobre a prática na cidade, manifestando tanto os argumentos que remetem à um modelo transformador da sociedade, quanto à um discurso público de uma política bem sucedida em meio ao contexto de iniciativas semelhantes em outros municípios e estados. Uma ação do Estado, portanto, localizada no âmbito da assistência social municipal e focalizada na pobreza:

> Quando nós iniciamos, começamos a fazer as mobilizações nos bairros com as pessoas que eram atendidas pelos CRAS [Centro de Referência em Assistência Social], pelo programa Bolsa Família, esse era nosso público inicialmente. Não que economia solidária só serve pra pobre, não deve ser. Que nós estamos construindo uma outra economia, então nela podem entrar pessoas de diversas classes sociais. Só que o nosso público, como a gente trabalhava na assistência social nosso público era esse, os usuários que eram atendidos pela assistência social no centro de referência da assistência social e do Bolsa Família, os programas sociais de transferência de renda, e a gente começou a mobilizar.

Ainda que, de alguma maneira, estas características são ressignificadas em sua narrativa, colocadas em diálogo com as proposições que apontam para um caráter transformador da proposta como uma forma de alcançar "*um novo modelo de sociedade*", conforme descrito anteriormente, as relações entre assistência social, pobreza e economia solidária ficam evidentes em seu relato. Tais evidências são inclusive passíveis de percepção a partir ora da negação das situações consideradas de pobreza como destinatárias exclusivas da ação governamental, ora ainda na menção da economia solidária como estratégia para sua superação ultrapassando a mera capacitação profissional tendo em vista a inclusão produtiva. No entanto, quando a intenção é a descrição da política pública especificamente, tema que assume o lugar de eixo central na narrativa analisada, a conjuntura nacional apontada por Draibe e Pereira reflete-se em sua enunciação:

> Na época a pasta estava sob minha responsabilidade, da superintendência da economia solidária. Porque a secretaria era Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária. Então tinha a superintendência de assistência social e a superintendência de economia solidária. Tinha estrutura e a gente tentava trabalhar juntas. Se a porta de entrada dos usuários eram os cadastros da Assistência Social, era o CRAS [Centro de Referência da Assistência Social], tinha que ter uma porta de saída e para nós a porta de saída era a economia solidária. Porque você trabalhava a questão dos benefícios assistenciais, mas eles não podiam ficar só nos benefícios. Eles tinham que entender que eles poderiam contribuir na sociedade de uma outra forma. E a economia solidária fazia eles entenderem que era a porta de saída para o público da assistência social, os beneficiários da assistência social.
> [...]
> Não é um favor que o governo está fazendo. É um investimento importante que o governo está fazendo de um recurso que existe. E existem muitos recursos. Com o secretário Paul Singer, que é o secretário nacional de economia solidária, há muito investimento no terceiro setor. Ele investiu muito. Então existem muitos recursos pro terceiro setor pros investimentos nas iniciativas de economia solidária. Pra o poder público a gente captava este recurso que vinha para a inclusão produtiva que vinha pro CRAS e dos recursos do Bolsa Família e a gente investia bem esse recurso, você viu pela planilhas. Porque nosso projeto era transparente e todo mundo que quiser ver onde foi investido, qualquer pessoa. Então nós investimos bem esse recurso.

É importante observar no relato de Joana que as proposições favoráveis produzidas pelos teóricos da economia solidária – outra perspectiva do discurso público - também são mobilizadas para construir definições e ampliar o caráter de sucesso da política municipal, manifestando outra dimensão do aspecto dialógico e interacional do conceito em questão. Afirmações recorrentes manifestam o desejo de pertencimento a uma proposta que ultrapassa as fronteiras municipais e identifica-se com movimentos sociais mais amplos reconhecidos pelo mesmo nome e que vão além das ações e

serviços governamentais. Argumentos continuamente mobilizados para valorizar a iniciativa e legitimá-la como proposta de transformação social ou, nas palavras de seus agentes, como "*proposta de outra sociedade, de outro mundo possível*".

> A economia solidária não estava só em Dourados, a economia solidária não está só aqui. Ela estava no mundo inteiro, no mundo inteiro. Então pra dar essa visibilidade. (...) nós estamos em comunhão com várias pessoas que estão construindo isso.
> [...]
> Identificaram a economia solidária com o Partido dos Trabalhadores e não quiseram mais esse projeto. Isso é ridículo. Uma visão bem pequena na verdade, porque é um projeto imenso e conhecido a nível nacional e internacional.

Dialogando simultaneamente com as teorias favoráveis à economia solidária e a conjuntura nacional das políticas da Assistência Social, à medida que a entrevista avançava, a narradora que remetia a conversa o tempo todo a um passado exitoso - especificamente a esses oito anos de política pública – emitia frases que eram comumente interrompidas e entrecortadas com a afirmação *"a economia solidária é..."*, ou com a negativa *"economia solidária não é..."*. As afirmações e negações aparecem em sua narração sempre aos pares, explicando-se e completando-se mutuamente, e remetem ao discurso público da economia solidária na cidade de Dourados:

> Uma iniciativa não só de produção. Porque às vezes quando se fala em economia solidária a pessoa só pensa na produção. Economia solidária pra mim é um grande movimento, uma revolução na economia, uma proposta assim muito rica de valores.

Os pares narrativos reportam-se à negação do sistema capitalista anteriormente apontada, mas também refletem a recusa e o tenso diálogo com a lógica do empreendedorismo trazida pelo SEBRAE e, de alguma maneira, da concepção de inclusão produtiva circulante nos âmbitos de assistência social. Em sua entrevista, Joana defende o tempo todo a qualificação profissional e, ao mesmo tempo, aponta e resgata a proposta utópica da economia solidária como "*outro modelo de sociedade*". A função da Assistência Social aparece em seu relato como um importante instrumento de superação da pobreza foco principal da política pública municipal.

Também é interessante observar que, ainda que a narradora construa toda seu enunciado como algo passado, com os verbos conjugados no pretérito, quando define economia solidária ou nega o que identifica como seu contrário, os verbos vêm para o presente. Isso revela uma importante característica dos estudos de memória, não como uma reconstrução da história, mas como uma interpretação dos fatos passados que é sempre atual e acontece no momento preciso da entrevista. Há um encontro semântico entre "naquela época" e "hoje". À medida que a narradora conta a história da economia solidária de Dourados ela está, simultaneamente, revelando seu contexto atual visto e interpretado a partir de sua trajetória e do lugar que ocupou e ainda ocupa no campo.

> Na época a gente não sabia muito bem o que era economia solidária, mas a proposta era a mesma: trabalho coletivo, cooperado, geração de renda, na linha da questão ambiental, da preocupação com o meio-ambiente.

Veja-se que o fato de não ter clareza sobre o que "era" a economia solidária no início do período de efetivação da política pública não impediu, segundo Joana, de construir uma proposta nos "mesmos marcos" da compreensão atual: *trabalho coletivo, cooperado, geração de renda, preocupação com o meio-ambiente.*

A economia solidária vai parecendo em sua narrativa, então, como uma experiência de importantes e positivas consequências para o município no enfrentamento à pobreza e ao desemprego, que teve êxito em dado momento da história da cidade, cujo público alvo, segundo já fora mencionado, eram os beneficiários dos programas de proteção social do município em uma estratégia de combate à pobreza. Torna-se relevante retomar a transcrição:

> A economia solidária fazia eles entender que era a porta de saída pra o público da assistência social, beneficiário da assistência social.

Conforme aponta a citação acima, o enfrentamento à pobreza é compreendido não apenas em termos de inclusão produtiva e possibilidade de geração de trabalho e renda – como na perspectiva do SEBRAE -, mas como um processo de aprendizado dos valores considerados importantes pela equipe que tornava viável a política pública municipal. Tais valores são sempre vistos e mencionados como uma contraposição à realidade social considerada desigual e excludente resumida na expressão "sistema capitalista". Sendo assim, paulatinamente a economia solidária de Dourados vai se constituindo e compreendendo, nas palavras da entrevistada, como um possível "avesso" do capitalismo e sendo definida pela negação do mesmo. Logo, se o "sistema capitalista" invisibiliza as pessoas, a economia solidária lhes dá visibilidade, se aquele destrói o meio ambiente através da exploração de matérias-primas, esta se baseia em sua preservação, se aquele se estabelece em relações hierárquicas de produção, um dos principais valores reconhecidos nesta é a autogestão dos grupos e trabalhadores. A definição da economia solidária, portanto, é precedida por uma concepção prévia definidora do sistema capitalista e se dá a partir dela, como sua oposição. Se o capitalismo "é", então a economia solidária "não é", e vice-versa. Uma perspectiva que se aproxima do conjunto de significações mobilizadas no item anterior :

> Mas esta questão da transformação de valores mesmo, de idéias, de conceitos, de vivência, de prática. Tudo isso para mim é economia solidária. Pautada nesses princípios que são tão firmes e consistentes que é a solidariedade, essa questão do meio ambiente que hoje está gritando aí por socorro, a questão da auto-gestão, da emancipação, de mostrar que as pessoas realmente tem capacidade, tem potencialidades e que tem que ser valorizadas como tal. (...) E na economia solidária essas pessoas, elas estão aqui. São as pessoas que não são vistas pela sociedade muitas vezes e que não faz grandes

> investimentos para o sistema capitalista. Que são invisíveis muitas vezes para o sistema capitalista.

Estas afirmações que se dão pela negação do capitalismo vão permitindo a emersão da economia solidária, segundo a narradora, como um contraponto que se constitui como um "outro" construído a partir de uma imagem já formada sobre o sistema capitalista e em um momento específico da história da cidade.

Aparece também, como um conceito que se constitui a partir de sua posição de gestora pública e de sua função como assistente social na organização aqui estudada, em circunstâncias sempre cambiantes, onde a definição apresenta diferentes possibilidades a cada novo ato de enunciação, fruto da relação entre sua narrativa, o contexto de onde narra, a teoria que a normatiza e as negociações efetuadas nas ações do Estado. No entanto, estas últimas são sempre definidas pela narradora como iniciativas fundamentais que marcam não apenas a origem e as características da economia solidária na cidade de Dourados, mas aparecem também como responsáveis pelos resultados reconhecidos como portadores de êxito e eficiência em todas as iniciativas delas derivadas. Um êxito identificado a partir das estatísticas e relatórios que conformam o discurso oficial sobre a política pública municipal.

4. Economia solidária e a centralidade do trabalho

Maria preferiu dar a entrevista em seu ateliê que está em uma salinha na frente de sua casa. Este, além de ser o lugar onde ela produz suas famosas peças de biscuit desde que ingressou na rede de economia solidária, funciona também como uma pequena loja onde são comercializados produtos de diversos grupos que igualmente integram a rede, desde artesanatos diferentes dos seus, até material de limpeza, alimentação e roupas variadas.

O relato da história de sua vida inicia com a identificação do trabalho de seus pais, especialmente deixando transparecer em sua performance, mais especificamente no tom entusiasmado da voz e no brilho dos olhos, o quanto lhe é importante o fato de seu pai, já idoso, continuar desenvolvendo sua profissão. A partir da identificação deste dado de sua família, toda sua narrativa foi sendo construída em torno de um único eixo: **o trabalho**.

> Meu pai é construtor. Até hoje ele exerce a profissão, com 66 anos completados já e continua, ele exerce essa profissão desde jovem. Minha mãe era do lar. Ela é falecida há 8 anos já, ela é falecida.

Pouco falou de sua infância sendo sempre muito sintética nas respostas às perguntas feitas sobre ela. Desde a identificação da profissão de seus pais, a

continuidade de sua história deu um salto para o momento em que ela mesma começou a trabalhar. Seu pai, trabalhador autônomo da construção civil ficou um tempo sem conseguir uma contratação, o que mudou o rumo de sua vida uma vez que precisou interromper os estudos e somar-se na luta pela sobrevivência da família. Começou a trabalhar, casou-se ainda muito jovem, permaneceu em atividade. Segundo ela "a mente era boa para trabalhar".

> **E**: Você concluiu o ensino médio?
> **M**: Não, não cheguei a concluir. Porque na época era uma fase meio complicada. Porque nós somos quatro irmãos, e meu pai, assim, deu um paradeiro de serviço pra ele na época. Então eu tinha que optar, ou trabalhar, ou por estudar. Aí eu estava fazendo os dois, trabalhando e estudando, mas aí chegou uma fase que daí eu parei os estudos e continuei trabalhando no comércio. Trabalhei muito tempo em comércio.
> **E**: Então você já trabalhava em comércio, assim como hoje na sua loja?
> **M**: Já. Desde os 14 anos que eu comecei trabalhar no comércio, me casei trabalhando, na parte de contabilidade, escritório, estas coisas. Não concluí os estudos mas a mente era boa pra trabalhar.
> **E**: Você casou com quantos anos?
> **M**: Eu me casei com 16 pra 17, bem nova.

Maria passou do relato de seu casamento para a descrição do trabalho do esposo, um homem que conserta eletrodomésticos em uma pequena oficina localizada em frente ao ateliê, do outro lado da rua. Em seguida, contou a história da falência e fechamento da empresa na qual trabalhava, dedicada à venda de insumos para atividades agrícolas. Ressaltou detalhadamente a boa relação dela com seus patrões e com os demais funcionários, uma relação sempre narrada como sendo muito próxima, com a realização de festas e jantares em comum. As famílias, de Maria e dos donos da empresa, "trocavam visitas e seus filhos brincavam juntos".

Sem embargo, frente à inevitável falência ela ficou desempregada e começou a buscar alternativas de geração de renda. Estas, porém, não eram consideradas, segundo a entrevistada, como um trabalho.

> Então eu perdi esse emprego e fiquei meio sem saber o que fazer. Então um dia ela [a filha] disse, "mãe você está aí parada em casa, não quer ir na escola, estão dando uns cursos na escola, vamos lá pra você conhecer". Aí eu fui, conheci o grupo, aí eu me animei. Comecei a fazer gesso, a pintar, aí gostei. Aí comecei a comprar as formas e o material e produzir em casa pra vender. Na época eu não tinha espaço adequado pra vender, mas eu ajeitava dentro da oficina mesmo, fazia um espaçozinho, coloquei pra vender e começou a dar certo. Depois de muito tempo mexendo com gesso aí minha prima aprendeu a... aí ela falou "ah, eu aprendi uma técnica pra trabalhar de biscuit, se você quiser eu vou aí e te ensino". Aí eu falei: "Ah, mas deve ser muito difícil". Daí ela veio e me ensinou um dia, aí eu peguei mais ou menos como fazer, aí eu comecei a comprar revista e a montar e até hoje estou nisso daí. Aí logo que eu comecei a moldar as primeiras peças começou as pessoas a quererem, a perguntar se eu não vendia e tal. Aí comecei a vender.

Este período de desemprego e de produção e comercialização do artesanato é anterior à sua inserção na rede de economia solidária. Neste momento, o programa ainda não havia sido desenvolvido pela prefeitura municipal e seu aprendizado enquanto artesã se deu na escola onde a filha estudava e com a ajuda de uma prima. Passou então a

contribuir na renda familiar a partir da produção de peças de biscuit e gesso. No entanto, em sua narração fica evidente que esta atividade não era reconhecida como trabalho, já que esta palavra, mencionada inúmeras vezes na entrevista, desaparece durante toda a narração do desemprego e início das atividades artesanais. E ainda, quando conta o momento em que conheceu a economia solidária menciona sua atividade de artesã, mas insiste em afirmar que estava "sem trabalho":

> Então eu conheci a economia solidária eu não estava mais trabalhando, eu estava em casa e já vinha fazendo artesanato. Na época eu mexia com gesso.

Maria conheceu a economia solidária a partir da ação das monitoras dos bairros. Estas eram pessoas recrutadas pela equipe da superintendência de economia solidária e contratadas pelo município para identificar nos bairros da cidade as pessoas que desenvolviam alguma atividade produtiva de maneira informal. Uma vez identificadas, estas pessoas eram encaminhadas para cursos de capacitação desenvolvidos pelo SEBRAE, entidade também contratada pela prefeitura, e para os espaços de formação específicos de economia solidária, como o encontro "Formação para a cidadania", "Formando Times" e "encontros de grupos de base"[4]. Havia cursos de capacitação profissional nas áreas de higiene e beleza, panificação, alimentação, confecção, construção civil, mecânica, eletrônica e artesanato.

A inserção na rede e nas atividades de economia solidária trouxe para Maria a possibilidade de tornar seu artesanato conhecido na cidade resultando em um aumento significativo de vendas.

O que é interessante perceber, no entanto, é que quando a narração passa de uma história de desemprego para a inserção na rede de economia solidária, o artesanato produzido em casa se transforma novamente. A atividade da artesã assume em sua narrativa o estatuto de "trabalho". A "mente boa para trabalhar" reaparece e, mais uma vez o trabalho recupera sua centralidade na entrevista, e neste momento, inserido em uma rede de possibilidades e de divulgação das peças produzidas. Um trabalho reconhecido por um coletivo:

> Antes era assim uma coisa pequena, eu fazia e pensava pequeno. Pensava tudo assim, sei lá, pensava "se vender bem tudo bem, se não...". Hoje em dia não, é o contrário, pelo incentivo que a gente encontra, encontrou também na rede de economia solidaria desde o começo é assim muito bom porque você pensa em ampliar e não em diminuir. Então mudou muito pra mim porque a partir de eventos que eu participei, de feiras, das lojas que eu participo – eu participo da loja no centro, do shopping – participo dos *trabalhos* também, dou uma contribuição pros *trabalhos*, tiro espaço para estar *trabalhando* meio período. E assim, só tem melhorado pra o reconhecimento mesmo do *trabalho*, você se reconhecer mesmo no *trabalho* e a cada dia mais que eu, assim, é bem gratificante. Porque, por exemplo, você monta uma peça, que nem eu estou *trabalhando* muito com esses adornos pra bolo. E aí a partir daquele um que você entrega, aí a pessoa participa daquele casamento e tal e fala "onde você encontrou?". "Ah, tal pessoa fez pra mim isso daí". Então

[4] Estes momentos de formação e a forma como eram compreendidos será trabalhado em capítulo posterior.

> cada dia vai sempre sendo mais reconhecido. Amplia a rede. Amplia, amplia... “Ah é tal pessoa que participa da rede de economia solidaria, se você não conseguir falar com ela pelo telefone tem a loja, tem a loja do centro, tem a loja do shopping”, diz o dia que eu *trabalho*. Então é bem gratificante, é bonito.
> [...]
> A economia solidária que foi a... vamos dizer, o auge do meu sucesso começou pela economia solidária. Graças a Deus porque assim, deu bastante oportunidade pra estar mostrando *o trabalho* da gente e foi a partir da rede de economia solidária que o que era de fundo de quintal, como se diz aqui, se transformou em horizontes. Pra mim as coisas só vieram melhorar.

Quando retomou o trabalho como eixo de sua fala, conforme a transcrição, este reaparece com dois significados diferentes. De um lado, refere-se à produção de suas peças de artesanato em gesso e biscuit. De outro, o trabalho está relacionado à sua inserção e participação nas atividades da rede de economia solidária e seu pertencimento a este coletivo. Em ambos, porém, o que reaparece é um trabalho autônomo, assim como o do esposo e do pai relatado anteriormente.

Neste momento, houve uma transformação na narrativa de Maria que passou a descrever as histórias de *seu trabalho* e de *seu novo grupo de pertencimento*, a rede de economia solidária, detalhando as feiras das quais participavam, as dificuldades encontradas no início da organização, o funcionamento das duas lojas que pertencem a ela - uma localizada no centro da cidade e outra no shopping Center -, a história da criação de suas peças e a maneira como sua filha e seu esposo se envolvem com o artesanato. A mente que outrora era boa para trabalhar na empresa de vendas de insumos agrícolas e que sofreu com o desemprego, continua sendo uma “mente boa” para o *trabalho,* agora na economia solidária:

> Às vezes estou produzindo uma peça e já estou com uma outra idéia na cabeça logo já vou produzir a outra. Eu sou ansiosa.

5. Economia solidária e algumas mudanças nas relações de gênero

Fernanda foi a primeira mulher a ser entrevistada. A conversa aconteceu na sala de sua casa e um tom sempre humorístico e entusiasmado com o sabor dos chocolates caseiros que produz para que sua filha venda na escola onde estuda. Até o momento da entrevista não estava integrada em nenhum grupo de economia solidária e chegava a manifestar uma relação conflitiva com diversos agentes da rede. Com uma narrativa contínua, falou de temas que não estavam previstos no roteiro da entrevista e assumiu o domínio da mesma desde o começo. *A história de sua vida inicia com a história da economia solidária.*

> Às vezes quando você fala o que é economia solidaria para você? Pra várias pessoas tem um significado. Pra mim foi um ressurgimento de uma nova criatura, no caso eu era totalmente dependente do meu esposo não trabalhava fora, não estudava, não progredia, não tinha vida própria e aí eu entrei em depressão, depressão profunda, aí tomava remédio faixa preta, não tinha vontade de fazer nada, ficava dia e noite chorando, tentei me matar

> duas vezes. Então não tinha força para nada e aí um dia uma colega minha, até que nesse tempo eu fazia parte de uma igreja evangélica, a Assembléia de Deus, aí ela falou para mim: “escuta Ana, está tendo uns cursos de capacitação porque você não vai lá fazer alguma coisa?”. No caso ela fazia corte e costura, ela disse: “está tendo vários cursos porque você não vai lá fazer alguma coisa, se enturmar, se você não gostar você não vai mais”. Aí eu na primeira vez eu não fui, enrolei e não fui não. Um dia resolvi ir para ela parar de encher o saco, fui, chegando lá gostei das reuniões, fui na primeira, fui na segunda e resolvi me inscrever no curso de produto de limpeza. Voltei a viver.

Em toda a narrativa de Fernanda a economia solidária foi sendo apresentada como sinônimo de mudanças nas relações familiares de gênero, onde a posição feminina - de mulher, esposa e mãe - passou por importantes alterações. A entrevistada aproxima o sentido que confere à economia solidária com o que atribui ao ato de viver, e este aparece estreitamente relacionado com sair de casa, assumir gostos e desejos e ampliar o círculo de relações sociais resultado da conquista de autonomia frente a seu esposo. O fato de sair de casa, além de terapêutico, é sinônimo de *“viver de novo”:*

> O que aconteceu comigo quando eu entrei, depois que deixei de tomar os remédios de depressão, nunca mais quis saber de remédio de depressão comecei a erguer minha bandeira e a falar pro meu marido o que eu queria o que eu não queria mais e o que era bom pra mim, o que era bom pra gente, pro nossos filhos e aí foi que eu comecei a bater de frente com ele porque eu não queria mais largar economia solidaria e ele queria que eu largasse porque ele dizia que estava atrapalhando nosso casamento por conta que eu não parava mais em casa porque eu tinha que viajar direto. Daí eu comecei fazer as viagens fora e ele ficava muito bravo toda vida que eu chegava de viagem minha mala estava pro lado de fora, ele não deixava eu entrar no quarto , assim, mas eu agüentei isso por uns quatro anos. Assim, era uma guerra, toda vida que eu falava estou indo viajar já sabia que era uma guerra quando eu chegasse. Era muito assim, mas eu comecei a ver que muitas coisas não valiam a pena. Não valia a pena eu largar a economia solidária, que me trazia tantas coisas boas. E me livrou da depressão, me ensinou, me resgatou como ser humano.

Glória, por sua vez, contou sua história em um tom moderado e reflexivo em uma entrevista fora de sua casa. Ateve-se a responder às perguntas previstas no roteiro previamente estabelecido para a conversa, detalhando os fatos e mencionando seus sentimentos e pertencimentos desde seu nascimento na cidade de Campo Mourão, interior do Paraná. Atualmente faz parte de um empreendimento de costura que trabalha, especialmente, com o reaproveitamento de retalhos recebidos como doação de malharias de Santa Catarina.

> M: A senhora nasceu aqui em Dourados mesmo?
> A: Não, eu nasci no Paraná, em Campo Mourão. Mas não conheço lá. Eu nasci lá, mas vim de lá pequena. Meus pais vieram lá do Paraná eu tinha três ou quatro anos. Aí vieram pro Mato Grosso, foram morar na região de Fátima do Sul, compraram um sítio lá, a gente foi criada na roça. Eu acho que é por isso que hoje eu tenho esse sentimento bom da economia solidária, porque fui criada na roça, fui criada num clima assim de boas relações.
> [...]
> Tem que ter uma história antes, eu penso assim, um desejo de mudança. Porque, eu no meu caso mesmo, muito antes de começar a economia solidária aqui em Dourados eu já tinha assim um sonho, de trabalhar grupos... inclusive eu comecei antes, trabalhei em dois grupos. Primeiro foi um grupo de panificação, éramos três mulheres e a gente fazia o pão, vendia, depois chegava o final do mês dividia. Sem saber o que era economia solidária eu estava praticando. Mesmo sem saber eu já estava praticando. Trabalhava em grupo, não sei se assim, inconscientemente, mas eu já praticava a economia solidária, porque a gente trabalhava junto mês inteiro depois dividia junto aquele lucrozinho que dava. (Glória)

Em sua narrativa, *a história da economia solidária inicia com a história de sua vida,* e está relacionada à sua experiência de trabalho coletivo e convivência no campo. É com a sociabilidade estabelecida "*na roça"* que Glória identifica o início de um desejo de pertencer a grupos de trabalho, que embora continue quando chega à cidade de Dourados, não se concretiza por causa do domínio e autoridade exercidos pelo esposo. Assim como no caso de Fernanda, a narradora reconhece nas causas de sua depressão as hierarquias de gênero que vive no interior de sua família.

> M: Quando chegou em Dourados, a senhora trabalhou em algum lugar?
> A: Não, só dona de casa. Quando eu casei... É engraçada a minha história. Eu venho de uma família em que a mulher não poderia sair de casa. Quem poderia sair de casa é o esposo, que era o caçador. Era o que o meu sogro falava. A mulher é a dona da casa, que cuida da casa, dos filhos, do marido, ela não pode trabalhar fora, ela não pode nem ter muita amizade assim com a vizinhança. Acho que também mais por conta disso que eu fiquei também depressiva.

Mencionar as mudanças de relações de gênero como uma possível definição de economia solidária para essas mulheres de Dourados é um tema complexo e precisa ser problematizado. Dados anteriormente mencionados, sistematizados nos relatórios da Secretaria de Assistência Social do município que revelam que entre 2006 e 2008 a maioria absoluta dos membros da Rede de Economia Solidária da cidade eram mulheres com mais de quarenta anos de idade já chamaram a atenção de outros pesquisadores[5] e foram por eles avaliados. Destaca-se aqui o trabalho de Grazihely dos Santos Paulon (2010) intitulado "Tecendo a igualdade: reflexões sobre gênero e trabalho na rede de economia solidária em Dourados – MS (2000-2008)" no qual a pesquisadora objetivava exatamente descobrir porque a economia solidária na cidade tornou-se "um lugar de e para mulheres" a partir da compreensão das relações entre gênero e trabalho, tomando como ponto de partida o já mencionado *potencial de transformação social,* tão presente na literatura sobre a temática.

Para este estudo, a autora recorre aos relatórios municipais, observação das reuniões e encontros da rede e a entrevistas com mulheres que dela participam e assume como referencial teórico fundamental o conceito bourdiesiano de uma oculta dominação masculina "que está presente no *habitus*, em estado incorporado, como um sistema de categorias de percepção, pensamento e ação, funcionando no mundo social para justificar a divisão sexual e visão universal definidora de papéis de mulheres e homens" (Paulon 2010, p. 171; apud Bourdieu 1995). Na construção de sua análise, Paulon afirma que se, por um lado, os espaços coletivos de encontros e reuniões da rede de economia solidária de Dourados propiciam certa autonomia e igualdade aos seus membros, o mesmo não se

[5] Também Ferraz (2009), em um artigo intitulado "Políticas de economia solidária e organização dos trabalhadores" remete a causa do maior número de mulheres nos grupos de economia solidária de Dourados à maior vulnerabilidade destas no mercado de trabalho formal.

repete nas relações cotidianas do ambiente familiar. Em sua pesquisa, as mulheres se dizem vitoriosas por poderem participar de espaços e grupos depois de romperem algumas barreiras ao saírem de casa e, em momentos específicos, tornarem-se independentes de seus esposos e filhos. No entanto, mantém continuamente a preocupação com a responsabilidade sobre os afazeres domésticos, dando sequencia a histórica divisão do trabalho, hierarquizada pelas relações de gênero de matriz patriarcal, onde "há uma distinção dos papéis ditos de mulheres e homens, mesmo quando estas/es fazem parte da proposta coletiva de trabalho (...). Quando há necessidade de distribuir tarefas, a divisão de trabalho é sexuada", e ainda "fica a cargo dos homens as tarefas que envolvem dinheiro, o poder e o social. Fica a cargo das mulheres, o cuidado com a casa, privando-as de participarem da decisões financeiras e da solução dos problemas". (idem, p. 178).

Como conclusão, a autora defende que a grande adesão das mulheres à proposta da economia solidária em Dourados se dá ao fato de a organização permitir que estas desenvolvam a dupla tarefa de inserir-se em um empreendimento econômico ao mesmo tempo em que conseguem exercer suas funções no lar, o que reforça ainda mais as desigualdades de gênero inerentes à divisão sexuada do trabalho.

Reconhecendo a pertinência deste tipo de análise nos estudos do fenômeno social aqui investigado e a relevância das conclusões apontadas no que se refere à avaliação dos diferentes níveis de manutenção/transformação da ordem social inerentes à proposta da economia solidária, a metodologia dialógica-relacional assumida neste trabalho exige inserir outras dimensões do diálogo que emergiram durante a investigação de campo.

Conforme fora apontado, as narrativas de Glória e Fernanda definem a economia solidária como o elemento disparador de mudanças nas relações de gênero no interior de suas famílias. As palavras *"transformação"* e *"mudança",* ao lado de outra, *"conflito",* é uma constante em suas falas. É evidente que o conceito de oculta dominação masculina opera nas relações mencionadas, mas o que se defende aqui é que este não dá conta de toda a complexidade enunciada pelas entrevistadas. Processos de modificação das relações familiares e conquista da autonomia se misturam a outros de dominação inscritos no *habitus*, e modificações na convivência cotidiana encontram espaço para aparecerem nas narrativas como sinônimos de resistência*:*

> Então por isso eu tinha conflito em casa. Meu marido não aceitava. Eu saía sempre. Sempre eu estava saindo, eu ia pras formações e ficava dois ou três dias nas formações e então para ele era a gota d'água. Ele chegar e a mulher dele não estar em casa. Mas com o tempo, foi indo, foi indo, e ele foi mudando isso. Porque eu percebo assim, que ele foi percebendo que eu fui também aprendendo muita coisa boa, eu trazia pra dentro de casa tudo o que eu aprendia. Então ele foi mudando. E hoje ele é... nossa, fica em casa, não

> empata fazer nada, ele me lembra dos compromissos através da minha mudança também. Porque eu vejo assim, se a mulher fica só em casa, ela fica também alienada, ela fica uma mulher assim às vezes nervosa, depressiva, ela tem a cabeça muito vazia. Então a mulher que ela participa da sociedade, que ela vai, que conhece outras coisas assim na comunidade, ela aprendendo assim, ela vai trazendo as coisas pra família, ela vai modificando também alguma coisa em casa. (Glória)

No caso de Fernanda, a mudança foi radical e implicou uma ruptura em sua história. Conforme aparece em sua fala transcrita anteriormente, depois de ressignificadas e redimensionadas as relações no interior de seu casamento, sua vida é narrada como começando outra vez e, a partir de então, ela está imbricada e dependente da participação na economia solidária da cidade, à qual menciona pertencimento ainda sem estar inserida em nenhum empreendimento. A economia solidária e a mudança nas relações sociais da entrevistada assumem um caráter terapêutico cuja essência está na autonomia frente a seu esposo.

> E eu comecei a acreditar mais em mim, e nas pessoas que me rodeavam, e a pessoa depressiva não acredita nem em você nem nas pessoas que estão do seu lado. Nada pra você tem importância. E aí eu comecei a ver que eu tinha os meus filhos, que eu tinha que dar o muito de mim. E que independente se eu separasse ou não do meu esposo eles continuariam sendo meus filhos. E aí um dia eu fui no promotor para ver a questão da separação e o promotor falou pra mim assim, eh, a senhora sabe que o depressivo, o fim do depressivo é se matar. Todo depressivo, ele procura a morte. E se é isso que a senhora quer pra você, então a senhora larga o movimento de economia solidária e volta a ser o que você era antes, falou pra mim. Eu falei não, não é isso que eu quero. Então, se a senhora que o bem pra você e pros seus filhos se separe e aí eu tomei atitude, sim, de me separar. (Fernanda)

O divórcio relatado na narrativa de Fernanda e uma melhor convivência com certo grau de independência, como fora enunciado por Glória, evidenciam uma definição de economia solidária imbricada nas transformações por elas vividas no interior de sua família. A subordinação vai se transformando, paulatinamente, em uma autonomia que é, ao mesmo tempo, econômica e social.

Não se pretende aqui, anular as hierarquizações e disputas, ou melhor, os processo desencadeados pela chamada oculta dominação masculina, e sim assumir a complexidade trazida pela variedade de respostas locais frente à presença desta força considerada de caráter global. São poderes que estão em jogo, vozes que “retornam sorrateiramente pela porta dos fundos” (Sahlins, 1997, p. 55), e ressignificam as relações ainda que sem transformá-las por completo, num contínuo deslocamento com inúmeras idas e vindas entre dominação e resistência que se configuram nos processos de interação dialógica estabelecidos no cotidiano e que são retransmitidos na memória das trajetórias narradas pelas mulheres entrevistadas. Narrativas e trajetórias estas que permitem apontar as mudanças nas relações de gênero como uma definição possível de economia solidária no contexto específico da cidade de Dourados.

6. À guisa de conclusão : Aproximações e articulações na definição de economia solidária

As respostas à pergunta sobre o significado de economia solidária emitidas por cada uma das entrevistadas, e ainda, as definições dadas espontaneamente sem motivações interrogativas por parte da entrevistadora, deixam transparecer diversas generalidades, ou para utilizar o conceito bourdiesiano, apresentam *regularidades*.

Uma das mais importantes generalizações consiste em que todas as mulheres acreditam na economia solidária como proposta de uma "outra sociedade". Embora a forma de compreender esta "outra sociedade" ou os caminhos a serem percorridos para se chegar até ela, ou melhor, "para construí-la" - como dizem as entrevistadas – apresentem inúmeras variações, a perspectiva de um *devir*, como algo que será alcançado em algum momento da história, é geral a todas. Da mesma maneira, esta "outra sociedade" vai sendo definida a partir da negação de características da sociedade onde as narradoras estão inseridas consideradas por elas como individualistas, centralizada na busca do lucro e não solidária. Em suas palavras:

> Um outro jeito de se organizar, e viver em sociedade, uma proposta de vida , de vida na sua integralidade do ser humano, da vida em sociedade, da comunidade, uma relação diferente com o mundo, com os companheiros do grupo da caminhada, um jeito bem diferente daquilo que a própria sociedade coloca, a gente vive num individualismo muito grande imposto pelos meios de comunicação , e a economia solidaria contrapõe isso. (Lurdes)
>
> A gente foi desenvolvendo e entendendo o que é a Economia solidária. Entendendo que a economia solidária não é apenas a geração de renda, mas que é um projeto de sociedade, que não é uma coisa de fundo de quintal, mas que é uma proposta de vida. E assim, eu pessoalmente fui me encantando pela coisa. (Tereza)
>
> Um modelo de sociedade assim, mais humano, onde a forma de produzir, a forma de comercializar, a forma de se comportar, a forma de pensar, o cotidiano, o dia-a-dia de cada um é diferente desse que a gente vive hoje. Que eu tenha preocupação com o outro, a outra pessoa. Porque se eu estou bem a outra pessoa também, que está convivendo comigo, tem que estar bem. Isso já na questão de sonhar, de viver. Não de sonhar, porque a gente já pode viver o sonho. Mas o viver um dia diferente. Então a economia solidária pra mim é viver numa sociedade onde a forma de agir deve ser diferente, numa forma mais... nessa construção mesmo, nesse diferente dessa sociedade, mais solidária que a gente fala. (Ana)

No entanto, ter uma "crença comum" não é sinônimo de que todos os indivíduos tenham as mesmas atitudes e interpretações acerca dela. Como aponta Bourdieu, regularidades não são confundíveis com regras rígidas e imutáveis, mas comportam estratégias que reorientam as regras e mantém, simultaneamente, um caráter de inovação ao lado de determinadas regularidades.

A crença em "uma outra sociedade", ou então, em "outro mundo possível" conforme o slogan repetidamente pronunciado pelo grupo, desencadeia um conjunto de regularidades normativas sobre práticas cotidianas dos agentes da economia solidária de Dourados. Estas práticas são regulamentadas a partir do adjetivo "solidária".

> Mas esta questão da transformação de valores mesmo, de idéias, de conceitos, de vivência, de prática. Tudo isso para mim é economia solidária. Pautada nesses princípios que são tão firmes e consistentes que é a **solidariedade**. (Joana)
>
> **Tem que** ter uma história antes, eu penso assim, um desejo de mudança.
> [...]
> Na economia solidária a gente **tem que** ter assim... coragem mesmo porque não é uma coisa assim que chega a dar rios de dinheiro.
> [...]
> A economia solidária ela é assim, você **tem que** buscar também, você **tem que** querer mudar, você **tem que** querer que haja transformação a partir de tua luta também, da tua história. (Glória)
>
> Porque assim, não só a questão do dinheiro, mas assim... Porque se a gente às vezes fala um monte de economia solidária, e fala dos princípios, que **tem que** pensar na questão ambiental, **tem que** ter autogestão, **tem que** ter cooperação, e aí assim, a gente está construindo este modelo de sociedade, mas assim, não teria necessidade de se construir isso, porque a gente já era pra viver isso. (Ana)

O caráter normativo das definições fica evidente na proposição *"tem que..."*, pronunciada inúmeras vezes durante as entrevistas. O *"tem que..."* revela relações ambíguas com referências ao dinheiro, à participação nos grupos, aos empreendimentos familiares ou individuais. Estas normatizações, porém, são definidas de acordo com o lugar de onde cada uma das narradoras está falando. Aquelas que se pronunciam a partir da prefeitura municipal e da gestão da política pública ou da ONG Mulheres em Movimento, manifestam os ***"tem que"*** que se relacionam com a proposta e com o modelo, enquanto as mulheres que falam dos empreendimentos econômicos solidários se referem à normatizações das ações dos sujeitos. Relações fundamentais identificadas na maneira como cada uma das narradoras concebe a economia solidária e que resulta em algumas generalidades que serão desenvolvidas posteriormente com maiores detalhes.

O que vale a pena destacar nos neste trabalho é que, assim como no caso da crença em um *"outro mundo possível"* acima citada, as regras existem e operam, porém são constantemente negociadas e ressignificadas nas práticas cotidianas e nas trajetórias e biografias narradas. A linguagem da regra não resiste ao domínio prático das interações sociais, dos "jogos de sociabilidade mais cotidianos". (Bourdieu, 2002, p.141).

A economia solidária de Dourados, portanto, se mostra como o espaço do "jogo", do agir com outros, que continuamente reconstrói *regras e estratégias,* no sentido bourdiesiano dos termos, onde as estratégias correspondem às práticas que emergem em uma configuração social específica. Trata-se, portanto, de um espaço de consensos, generalizações e, simultaneamente, de disputas, todas em constante reconfiguração nas relações estabelecidas entre os agentes que assumem posições no contexto específico onde estão inseridos. Regras continuamente readaptadas em situações e significações específicas e circunstanciadas.

Referências Bibliográficas

BERTUCCI, Jonas de O. (2010) **A produção de sentido e a construção social da Economia Solidária**. Tese de Doutorado. UNB. Brasília.

BOURDIEU, Pierre. (2000). **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras. Portugal. Celta Editora.

BOURDIEU, Pierre. (2004). **Da Regra às Estratégias**. In: Coisas Ditas. São Paulo. Brasiliense. P. 77-95.

CARDOSO, José Celso Jr. (2005). **A questão do trabalho urbano**. In: JACCOUD, L. O Sistema Público de Emprego no Brasil. IPEA.

CUNHA, Edith. (2002). Políticas Públicas Sociais – Belo horizonte: UFMG.

DRAIBE, Sônia. (2002). **Brasil 1980-2000: proteção e insegurança sociais em tempos difíceis**. PNUD – Taller Inter-Regional "Protección Social em uma era Insegura: Um Intercambio Sur-Sur sobre Políticas Sociales Alternativas en Respuesta a la Globalización". Santiago/Chile.

_____. (1993 a). **O Welfare State no Brasil – características e perspectivas**. Campinas: UNICAMP – Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. Caderno de Pesquisa nº 8.

FERLA, Ledi; BARBOSA, Maria da Conceição. (2008). **Construindo Políticas Públicas de Economia Solidária em Dourados – MS, como proposta de desenvolvimento Econômico e Social**. In: FERLA Ledi (org). Garantindo Direitos em Dourados – MS. Dourados. Nicanor Coelho editor.

FERRAZ, Marcos. (2009). **Políticas de Economia Solidária e organização dos trabalhadores**. In: I Seminário Nacional de Sociologia & Política. Curitiba. UFPR. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT5%20online/EixoII/politicas-economia-MarcosFerraz.pdf. acessado: 11 de maio de 2011.

GOLDMANN, Marcio e LIMA, Tânia. (1999). **Como se faz um grande divisor?** In: Alguma Antropologia. Rio de janeiro. Relume Dumará. P. 83-92.

LECHAT, Noelle Marie Paule. (2004) **Trajetórias intelectuais e o campo da Economia Solidária no Brasil**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2002). **De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.17 no. 49 São Paulo.

MOTTA, Eugênia de Souza Guimarães. (2004). **A 'outra economia': um olhar etnográfico sobre a economia solidária**. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

MOTTA, Eugênia de Souza Guimarães. (2010). **Trajetórias e Transformações no mundo da economia solidária**. Tese de doutorado. UFRJ.

PAULON, Graziely Berenice Fernandes dos Santos. (2010). **Tecendo a Igualdade: reflexões sobre gênero e trabalho na Rede de Economia Solidária em Dourados- MS (2000-2008)**. Dissertação de Mestrado em História. Dourados/MS. UFGD.

PEIRANO, Marisa. (1992). **A favor da Etnografia**. Série Antropologia. Universidade de Brasília/UNB.

PEREIRA, Clara Maria Guimarães Marinho. (2011). **ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma investigação sobre suas iniciativas**. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP. UNICAMP.

POCHMANN, Marcio. (2004). **Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites**. In: Mercado e Trabalho – nota técnica IPEA, p. 23-33.

POLLAK, Michael. (1989). **Memória, Esquecimento, Silêncio** in Estudos Históricos, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro: CPDOC.

POLLAK, Michael. (1992). **Memória e Identidade Social** in Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro: CPDOC.

PORTELLI, Alessandro. (1997). **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: Ética na História Oral. Projeto História, revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol. 15, p. 13-49.

PORTELLI, Alessandro. (2010). **Ensaios de História Oral**. São Paulo: Letras e Voz.

PORTELLI, Alessandro.(2009) **História Oral e Poder**. Disponível em: http://alessandroportelli.blogspot.com.br/search?q=hist%C3%B3ria+oral+e+poder

SAHLINS, Marshall. (1999 [1987]). **Capitão James Cook; ou o Deus Agonizante**. In: Ilhas de História. Rio de Janeiro. Zahar editora. P. 140-171.

SAHLINS, Marshall. (1997). **O "Pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte I)**. In: Mana 3(1). P. 41-73.

SPERBER, Dan. (1992). **As crenças aparentemente irracionais**. In: O saber dos antropólogos. Lisboa. Edições 70.

URANI, André. (1995). **Crescimento e Geração de Emprego e Renda no Brasil**. In: Lua Nova Revista de Cultura Política. Nº 35, p. 5-38.

VELHO, Otávio (1998). **O cativeiro da Besta-fera**. In: Besta-Fera: a recriação do mundo – ensaios críticos de antropologia. Rio de Janeiro. Relume Dumará. P. 13-43.